

NOSSA CAPA

REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA

V. 130 n. 01/03 – jan./mar. 2010



Nesta edição:
Homenagem ao
Almirante Armando Amorim Ferreira Vidigal

SUMÁRIO

Apresentação
Dados biográficos
Prêmio *Revista Marítima Brasileira*
Artigos publicados na RMB
Principais trabalhos publicados
Funções civis
Títulos
Conferencista
Cartas de homenagem
Cinzas ao mar

APRESENTAÇÃO

Esta edição da *Revista Marítima Brasileira (RMB)* não poderia deixar de dedicar uma parte de seu espaço ao saudoso Almirante Armando Amorim Ferreira Vidigal, que faleceu recentemente.

O Almirante Vidigal foi um notável colaborador. Ganhou cinco vezes o *Prêmio Revista Marítima Brasileira*, com artigos originais, brilhantes, em que transmitia seu entusiasmo pelas coisas do mar. A capa mostra uma de suas merecidas premiações. Com os artigos, livros que escreveu ou coordenou e com suas palestras, contribuiu para formar, principalmente nas pessoas mais jovens da comunidade marítima brasileira, uma forte consciência da importância do Poder Marítimo e de seu componente militar, o Poder Naval, para o Brasil.

Na capa, o Almirante Armando Vidigal, em 1983, recebe o Prêmio Revista Marítima Brasileira do Ministro Maximiano Eduardo da Silva Fonseca, com a presença do Alto Comando da Marinha.

Falava do presente, conhecendo o passado por meio da História Naval, e previa cenários que, no futuro, poderiam logicamente se configurar. Expunha seus pensamentos sem medo da crítica alheia, sabendo que publicar é um ato de humildade, de sujeição a outras formas de pensar, mas que permite divulgar boas ideias, criando novos patamares de conhecimento, para o benefício de todos.

Seu pensamento se concretizou em suas obras, e no futuro relacionamento do Brasil com o mar, muito provavelmente, haverá contribuições das muitas ideias que deixou.

Almirante Vidigal – prezado amigo e mestre – muito obrigado.

Armando de Senna Bittencourt
Vice-Almirante (EN-Ref^o)

DADOS BIOGRÁFICOS

Nasceu em Manaus – Amazonas, filho de José Barbosa Ferreira Vidigal e de Maria Nazareth Ferreira Vidigal. Promoções: a segundo-tenente em 07/04/1953, a primeiro-tenente em 13/10/1954, a capitão-tenente em 26/06/1956, a capitão de corveta em 27/10/1961, a capitão de fragata em 19/08/1966, a capitão de mar e guerra em 09/10/1970, a contra-almirante em 31/07/1977 e a vice-almirante em 25/11/1982. Foi transferido para a reserva em 27/05/1985.

Em sua carreira comandou três vezes: Navio Mercante MT *Anchieta* (comando militar); Corveta *Forte de Coimbra* e a Força de Apoio Logístico. Exerceu os seguintes comandos e direções: Base Naval de Aratu, Centro de Instrução Almirante Graça Aranha, Escola de Guerra Naval e 3º Distrito Naval.

Comissões: Navio-Escola *Almirante Saldanha*; Contratorpedeiro *Amazonas*; Navio Transporte *Custódio de Mello*; Contratorpedeiro *Ajuricaba*; Contratorpedeiro *Paraná*; Estado-Maior da Esquadra; Gabinete do Ministro da Marinha; Escritório do Adido Naval na Inglaterra; Escola de Guerra Naval (curso); Comando de Operações Navais (destaque).

Em reconhecimento aos seus serviços, recebeu inúmeras referências elogiosas e as seguintes condecorações: Ordem do Mérito da Defesa – Grau Grande Oficial;



**ARMANDO AMORIM FERREIRA
VIDIGAL**

★ 14/03/1928

† 14/12/2009

Ordem do Mérito Naval – Grau Grande Oficial; Ordem do Mérito Militar – Grau Comendador; Ordem do Mérito Aeronáutico – Grau Comendador; Ordem de Rio Branco – Grau Grande Oficial; Medalha Militar e Passador de Ouro – 3º Decênio; Medalha Mérito Tamandaré; Medalha Mérito Marinheiro – 3 Âncoras; Medalha do Pacificador; Medalha Mérito Santos Dumont.

PRÊMIO REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA

Deixando de atender às normas que a própria *Revista Marítima Brasileira* se impôs em relação aos oficiais falecidos, é feita matéria especial sobre o Almirante Vidigal, por várias circunstâncias, entre estas porque o emérito colaborador recebeu cinco vezes o *Prêmio Revista Marítima Brasileira* e, no ano de 2002, foi reconhecido como *hors-concours*. Mesmo assim, em 2008, o Chefe do Estado-Maior da Armada ressaltou os seus artigos *Inteligências e interesses nacionais* (2º trimestre/2005) e *As relações nacionais sob a perspectiva da segurança* (1º trimestre/2006) como sendo dignos de especial registro e lhe outorgou o Diploma de *Hors-Concours*.

Foram agraciados com o prêmio as seguintes matérias de sua autoria:

1980 – O emprego político do Poder Naval;

1983 – A indústria naval militar no Brasil através do tempo;

1986 – Conflito no Atlântico Sul;

1992 – A Guerra do Golfo: uma análise político-estratégica e militar; e

1998 – Uma estratégia naval para o século XXI.

ARTIGOS PUBLICADOS NA RMB

Vale lembrar que o almirante publicou na *Revista*:

Processo decisório (4º trim/1973);

Força de Apoio Logístico (1º trim/1980);

Emprego político do Poder Naval (2º trim/1980);

Indústria naval militar no Brasil através do tempo (4º trim/1980 e 4º trim/1981);

46º aniversário da Intentona Comunista (4º trim/1981);

Marinha de Guerra e mudanças tecnológicas da segunda metade do século XIX (1º trim/1983);

A evolução do pensamento estratégico naval brasileiro (3º trim/1983);

Os cursos de altos estudos militares na Marinha: A solução brasileira (1º trim/1984);

Conflito no Atlântico Sul (4º trim/1984; 1º trim/1985; 4º trim/1987; e 1º trim/1988);

Dissuasão convencional nos países em desenvolvimento (3º trim/1988);

A importância da indústria bélica para a segurança nacional (4º trim/1988);

Áreas de cooperação estratégica entre Europa e Brasil (2º trim/1989);

Uma nova concepção estratégica para o Brasil – um debate necessário (3º trim/1989 e 3º trim/1990);

Guerra do Golfo (1º e 2º trim/1992);

Papel das Forças Armadas no novo contexto mundial (4º trim/1992);

Ministério da Defesa – considerações (1º trim/1995);

Reavaliação do papel das Forças Armadas (4º trim/1995);

Uma estratégia para a Marinha do Brasil (1º trim/1996);

Europa: uma análise político estratégica (2º trim/1996);

Reflexões sobre mobilização (1º trim/1997);

A logística e as operações militares (2º trim/1997);

Uma estratégia naval para o século XXI (3º trim/1997);

Regime de não proliferação nuclear (4º trim/1997);

Apontamentos de estratégia naval (3º trim/1998 e 4º trim/1999);

Problemas de segurança da Europa (2º trim/2000);

A crise nos Bálcãs (3º trim/2000);

Evolução tecnológica no setor naval no século XIX – consequências para a MB (4º trim/2000);

Estratégia naval para o século XXI (2º trim/2001);

O terrorismo na atualidade (1º trim/2002);

A internacionalização da Amazônia (2º trim/2002);

Apontamentos sobre geopolítica (3º trim/2002);

A nova estratégia de Segurança Nacional dos Estados Unidos da América (1º trim/2003);

A missão das Forças Armadas para o século XXI (4º trim/2004);

Inteligência e interesses nacionais (2º trim/2005);

As relações internacionais sob a perspectiva da segurança (1º trim/2006);

Algumas tendências da política externa dos Estados Unidos após o fim da Guerra Fria (1º trim/2007);

A marinha Mercante brasileira (3º trim/2007);

O Brasil na América do Sul – análise (3º trim/2008);

A poluição do ar por navios (4º trim/2008);

Campanha naval na Guerra da Tríplice Aliança (2º trim/2009); e

Palestina, uma terra, dois povos (3º trim/2009).

PRINCIPAIS TRABALHOS PUBLICADOS

A evolução do pensamento estratégico naval brasileiro – Biblioteca do Exército;

Marinha Mercante – o que você precisa saber sobre ela – Ed. Clube Naval;

Poder Marítimo (Prêmio Almirante Jaceguai – 1994);

O Brasil e a nova ordem mundial – SDGM-1991;

O poder marítimo e a política externa (tese para titulação em política e estratégia nacionais pela ESG);

Evolução do pensamento estratégico naval brasileira dos meados da década de 70 até os dias atuais – Ed. Clube Naval;

11 de setembro de 2001 – Ed. Femar;

História das guerras (autor do capítulo Guerras da Unificação da Alemanha);

Amazônia Azul: o mar que nos pertence (coordenador);

Logística e transporte no processo de globalização (autor do capítulo O transporte aquaviário: aspectos logísticos) – Ed. Unesp;

Guerra no mar – A história das principais campanhas ou batalhas navais que mudaram a história (coordenador) Ed. Record;

A Segunda Guerra do Golfo ou a Vitória de Osama bin Laden (inédito – em fase de revisão); e

Almirante Nelson (inédito – em fase de impressão) Ed. Contexto .



O Almirante Vidigal, durante o lançamento do livro “Guerra no mar”, e com o Comandante da Marinha, Almirante de Esquadra Julio Soares de Moura Neto (abaixo)



FUNÇÕES CIVIS

Após sua transferência para a Reserva, o Almirante Vidigal exerceu os seguintes cargos:

Diretor Comercial do Estaleiro Só – 1985 a 1988;

Presidente da FI Indústria e Comércio – 1988 a 1990;

Assessor do Syndarma – Sindicato Nacional das Empresas de Navegação Marítima; e

Assessor da Abeam – Associação Brasileira das Empresas de Apoio Marítimo.

TÍTULOS

Recebeu os seguintes títulos e honrarias:

Membro Emérito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IHGMB);

Membro do Núcleo de Estudos Estratégicos da Unicamp;

Membro do Instituto Brasileiro de Estudos Estratégicos (IBAE);

Membro do Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio;

Mestre em Ciências Navais (EGN);

Doutor em Ciências Navais (EGN); e

Titulação em Política e Estratégia Nacionais (ESG).

CONFERENCISTA

Ao longo de sua existência, realizou conferências nos seguintes países:

– Argentina

– Chile

– Colômbia

– Equador

– Paraguai

– Portugal

– Suécia e

– Uruguai.

Foi palestrante em ESG, EGN, ECEME, EAOAR, ADESG e IHGMB.



CARTAS DE HOMENAGEM

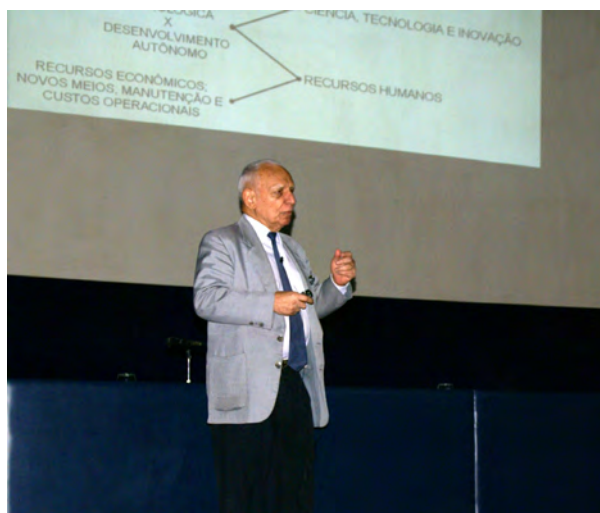
Por ocasião do falecimento do Almirante Vidigal, a *Revista Marítima* recebeu cartas de homenagem a seguir reproduzidas:

Do Almirante de Esquadra Ramon Antonio Arosa, ex-Ministro da Marinha da Argentina:

Despedida para Armando Vidigal

Conheci o Guarda-Marinha Vidigal em abril de 1952, quando o Navio-Escola *Almirante Saldanha*, da Marinha brasileira, ia começar a viagem de instrução com a turma de 1946 da Escola Naval.

Começava então uma amizade que continuou durante estes anos. Após pouco mais de um mês de navegação, em 25 de maio, foi comemorado meu aniversário. Relato o que escrevi no meu diário naquele



dia: *Por último, reunidos os oficiais e a Turma dos Guardas-Marinha no refeitório, as palavras emotivas de um dos melhores camaradas brasileiros, Armando Vidigal... despertaram minha gratidão.*

Aquela amizade foi crescendo e, quando voltamos ao Rio de Janeiro, tive a honra de cruzar espadas no casamento do Armando.

Depois não tivemos oportunidade de nos reencontrar até muitos anos mais tarde, mas sempre tendo notícias de nossas carreiras.

Em 1999, meu filho mais velho cursou a Escola de Guerra Naval no Rio e começou assistindo a uma palestra do Almirante Vidigal, que lembrou com muita bondade a minha pessoa.

Finalmente, voltamos a nos reunir nesse ano, várias vezes, e daí em diante nossos encontros foram muito frequentes.

Eu acredito que tudo na vida tem um preço, e a minha amizade com o Armando também teve e foi a sua sugestão de traduzir para o espanhol o livro *Amazônia Azul, o mar que nos pertence*. Ele sabia muito bem que os problemas do Brasil e da Argentina a respeito do mar são muito semelhantes e por isso achava que seria ótimo adicionar os pontos de vista da Marinha argentina àquela tradução. O trabalho foi feito, e agora esperamos completar o desejo do Armando.

Nos meses de outubro e novembro, o Centro Naval argentino organizou um seminário sobre “A extensão da plataforma continental” e convidou o Almirante Vidigal para dar uma palestra no último dia. Isso aconteceu em 18 de novembro e foi simplesmente brilhante.

No dia 22 de novembro, Vidigal voltou com a sua esposa para o Rio e, em 8 de dezembro, falei com ele ao telefone pela última vez.

A mágoa de ter perdido este amigo é muito grande, mas agradeço a Deus o privilégio de ter sido um dos amigos que tive-

ram a honra de ouvir sua última palestra, no Centro Naval, Clube dos Oficiais da Marinha Argentina.

Do Almirante de Esquadra Eddy Sampaio Espellet:

Meu amigo Vidigal,

Somente no fim da minha carreira cruzei com Vidigal. Eu era comandante do *Minas*. Estávamos numa visita, no porto de Montevideu. No dia do regresso, o meu chefe de Máquinas, na véspera, me disse: “Comandante, amanhã vou preparar a máquina bem cedo, embora a hora de suspender seja 12 horas”.

Às 8h30 desse dia, ele me telefonou da praça de máquinas e me participou que não conseguiu aprontar o eixo de boreste (BE), não conseguiu fazer o vácuo. Eu lhe disse que havia tempo até o meio-dia, para ele resolver o problema.

Como ele não conseguiu, participei ao meu chefe que estava a bordo e sugeri que ele fosse para o *Tamandaré* de helicóptero e, na volta dele, que embarcasse o Vidigal, oficial de Máquinas da Esquadra, que estava a bordo do *Tamandaré*. Fiz este pedido porque conhecia a capacidade de trabalho do Vidigal e o meu pessoal já estava esgotado com trabalho desde as 5 horas.

Às 16 horas, chegou o Vidigal. O chefe de Máquinas levou-o para a praça de máquinas e depois de uma meia hora ele me procurou e disse-me que o seu pessoal tinha feito tudo de acordo com o figurino do Briships e a solução seria dar uma pressão hidráulica na canalização de baixa para ver onde seria a entrada de ar, que estava ocasionando o problema. Havia um sério inconveniente. A junta da máquina que trabalhava de dentro para fora poderia não resistir a uma pressão ao contrário, o que acarretaria em ficar sem o eixo. Assumi e autorizei ao chefe executar a manobra.

Às 19h30, veio a hora. O teto do condensador não resistiu e abriu um grande rombo. Ali estava o problema. Chamei o pessoal do *Belmonte*, que também estava atracado, e eles colocaram uma rede e epóxi bastante para isolar o condensador e a máquina ficou pronta.

Eu sempre dizia ao Vidigal que ele tinha sido o meu “salvador da pátria”.

Mais tarde, eu, diretor do Material, quando despachava com o ministro Almirante Henning, frequentemente lhe expunha um caso, e ele mandava chamar o Vidigal, que esclarecia o assunto. Daí que ele ficou com o apelido de “Ministrinho”.

Depois que ele passou para a reserva, dedicou-se a estudar História e tornou-se um grande historiador, melhor ainda, grande conferencista. Ele sabia atrair um auditório. Eu assisti a várias palestras e conferências pronunciadas por ele, sempre com grande sucesso.

Infelizmente foi-se o nosso amigo, ainda tão moço, podendo ainda prestar grandes serviços à Marinha e à nossa pátria.

Descanse em paz.

Do Almirante de Esquadra Hugo Stoffer:

Despedida para o Almirante Vidigal

O querido colega Armando Vidigal nos deixou mês passado e ficamos, seus amigos, com um sentimento de vazio no peito, tal era a dimensão de sua personalidade.

A nós, seus colegas de turma da Escola Naval de 1946, ele dedicou uma profunda atenção desde os bancos escolares. Ainda tenho a lembrança de quantas vezes o vi com grupos de colegas às vésperas de provas, a dar uma última explicação sobre algum ponto complicado não bem entendido. De fácil convívio, alegre e conversador nas horas de folga, sempre foi, desde a Escola, muito sério e exigente com as coisas do serviço.

Bom marinheiro. Ainda o lembro ao meu lado em entardecer de vento fresco, a ferrar a vela do joanete do Navio-Escola *Guana-bará*. Nessa época não se usava cinto de segurança nem salva-vidas como hoje (o que está certo). Abaixo de nossos pés, apoiados no estribo da verga, corria o mar encapelado, pois o navio estava adernado... As velas eram de algodão grosso e pesado e, mesmo depois de entradas as carregadeiras, a faina de ferrar não era fácil. Havia que se ajudar mutuamente para completar com correção a manobra e voltar às enxárcias para descer ao convés com segurança. Com o ruído do vento, nossas vozes não se conseguiam escutar, mesmo a dois metros de distância. Era entender os gestos e apoiar o companheiro e, mesmo quando não havia vento perceptível durante sua carreira na Marinha, Vidigal sempre olhou pelos colegas para estender a mão segura do apoio e a voz inteligente do conselho. Era um bom amigo e interessado.

Grande maquinista, destacou-se como chefe de Máquinas do Contratorpedeiro *Paraná*, no tempo das primeiras Operações Unidas. Ele tinha uma adoração por seu navio, e me recordo que fez uns versos latinos sobre o “Atenas”, que era o indicativo fonia do contratorpedeiro, que ele considerava o melhor *Fletcher* da Esquadra. Foi instrutor do Curso de Especialização de Máquinas para Oficiais, quando teve oportunidade de formar muitos dos nossos melhores especialistas. Ao ser nomeado oficial de Máquinas da Esquadra, prestou excelente serviço resolvendo problemas difíceis. Entre os quais, como lembra o Almirante Espellet, “encontrar” rapidamente o vácuo do condensador que estava atrasando a saída do Navio-Aeródromo Ligeiro *Minas Gerais* do porto de Montevidéu.

Teve nesse período também que enfrentar o terrível acidente na instalação de vapor do Cruzador *Barroso*, que levou a vida

do nosso colega de turma Didier (chefe de Máquinas) e dos componentes do quarto de serviço de Máquinas. Vidigal estava lá embarcado com o Estado-Maior da Esquadra e coordenou as providências para permitir que o navio chegasse ao porto com as próprias máquinas.

Como capitão de mar e guerra e almirante, desempenhou-se com destaque de todas as funções e cargos que lhe foram confiadas. Destaco o comando da Base Naval de Aratu e o comando do 3º Distrito Naval, em Natal.

Mas foi no campo da literatura naval e na produção intelectual que mais brilhou e deixou sua marca. Com vários livros publicados sobre assuntos navais, história e estratégia, foi vencedor de vários concursos do Clube Naval, tendo ganho, repetidas vezes, o Prêmio Jaceguai com seus trabalhos. Para a nossa *Revista Marítima*, também foi frequente colaborador, com artigos de grande interesse para a Marinha. Membro do Centro de Estudos Políticos e Estratégicos da Escola de Guerra Naval, além de suas palestras e conferências, contribuiu muitas vezes em grupos de trabalho de alto nível, inclusive no âmbito universitário, levando nossos assuntos a esses novos horizontes. Nessas tarefas, não se limitou ao nosso país, eis que sua última conferência foi realizada no Centro Naval em Buenos Aires, a convite daquela associação naval. Solicitei a colaboração de nosso mútuo amigo íntimo e colega de viagem de instrução, Almirante Ramon Antonio Arosa (ARA), um comentário sobre essa sua última atividade, a que teve oportunidade de assistir, assim como o que julgasse justo agregar a este pobre resumo de uma vida tão profícua. Não esqueceremos do Almirante Armando Vidigal!

Do Vice-Almirante Helio Leoncio Martins:

Meu amigo Vidigal,

Nosso primeiro contato, à vista da diferença de idade, deu-se já na reserva. Em um evento no qual o Vidigal falava, encantou-me o brilhantismo, a segurança, a clareza com que expunha seus conhecimentos do assunto em pauta e a firme argumentação com que apoiava as próprias ideias. Essa admiração nos aproximou e, em um crescendo, transformou-se em grande e boa amizade.

O valor pessoal de alguém é constatado, em suas manifestações externas, pelo que realiza, pelo que escreve ou pelo que fala. E nem sempre uma pessoa, mesmo de nível elevado, acumula tais manifestações. Um excelente escritor pode ser contemplativo, um homem da ação que se destaque é possível que precise de quem escreva sobre o que faz. Mas a característica do Vidigal era ser excelente como realizador, como escritor e como conferencista ou professor.

Na Marinha e depois na vida civil, salientou-se ele sempre pelo espírito criador, pela energia com que se empenhava nas tarefas que lhe eram cometidas, alimentados por seus conhecimentos e sua viva inteligência. Agia, modificava, idealizava, promovia.

Era Vidigal um leitor compulsivo, às vezes de dois ou três livros simultaneamente, mas capaz de absorver e analisar as leituras com a mente apurada pela experiência e o firme raciocínio, criando ideias próprias. E estas, transformava-as em profícua produção literária, com estilo simples, fácil de ler, mas substancial e profundo.

Quando enfrentava um auditório, fazia-o sem pomposidade ou eloquência teatral e sim com uma conversação agradável, mas conquistando os ouvintes e transmitindo-lhes corretamente o que pensava. Tal facilidade de comunicação sobressaía especialmente ao dar aulas, as quais tornavam-se uma demonstração viva de pedagogia, pela ligação que obtinha com os alunos, levando-os a participar, comentando, arguindo, em

aparente confusão, mas por ele controlada, fazendo-a terminar em consenso didático quando desejava.

Um elemento com tais qualidades fará enorme falta à Marinha e ao País. Mas também é de lamentar, como muito lamento, a perda de um amigo com o companheirismo encantador, o caráter firme e a presença afável do Vidigal.

Do Vice-Almirante Luiz Edmundo Brígido Bittencourt:

Vidigal, *hors-concours*!

Somos contemporâneos da Escola Naval, eu de 44, ele de 46.

Mas uma ligação maior só veio acontecer quando éramos capitães de corveta, eu imediato do Contratorpedeiro (CT) *Pará (Fletcher)*, ele chefe de máquinas do Contratorpedeiro *Paraná*. Enquanto o meu tinha permanentes e enormes problemas com a passagem indevida do vapor principal pelas parcializadoras, tudo nas máquinas do CT *Paraná* funcionava suavemente – para mim graças à competência do Vidigal.

Mais tarde, tivemos outra aproximação, eu na Escola Naval (ou na Diretoria de Ensino, não me lembro bem), ele diretor da Escola de Guerra Naval, desempenhando-se com uma brilhante presença.

Mas o que nos uniu verdadeiramente foi, quando estávamos na reserva, eu à frente da *Revista Marítima Brasileira* (onde estive por 20 anos) e ele em mil atividades e produzindo inúmeros trabalhos escritos sobre assuntos de Marinha, atuais, importantes e analisados com profundidade e inteligência.

Seus artigos eram brilhantes e em número considerável. Quando aparecia um, logo dizíamos na *Revista Marítima Brasileira*: “Este artigo é do Vidigal!” E a colaboração não esperava vez, era publicada de imediato, com absoluto sucesso.

E no fim de cada período estipulado, um de seus artigos era o escolhido por uma comissão do Estado-Maior da Armada como vencedor do *Prêmio Revista Marítima Brasileira*.

Assim aconteceu nos anos de 1980, 1983, 1986, 1992 e 1998. Tornou-se uma rotina, o que, a meu ver, desmotivava outros colaboradores.

Pensando assim, imaginei uma solução que, não tirando de Vidigal o mérito que bem merecia, pudesse dar oportunidade a outros colaboradores: tornar Vidigal *hors-concours*. Assim foi sugerido, assim foi feito.

Sei que minha sugestão tirou de Vidigal outros tantos prêmios, mas sei que ele passou a estar no nível que mais lhe era próprio.

Na elevação de seu caráter, Vidigal não ficou zangado comigo; continuou colaborando com frequência com seus artigos e permanecemos amigos, e ambos interessados na *Revista Marítima Brasileira*.

Assim era Vidigal, *hors-concours*!

Do Capitão de Mar e Guerra Newton Ferreira Campos Júnior:

Contemporâneos da Escola Naval, ele uma turma mais antiga, somente como tenentes passamos a ter um convívio maior de amizade e profissional, pois éramos vizinhos no Leme e colegas como maquinistas.

Como vizinhos, fizemos uma viagem a São Paulo, a fim de vermos o astronauta soviético (primeiro homem a viajar no espaço, em 1961, a bordo da Vostok-1) que visitava o Brasil divulgando o programa espacial soviético, o então famoso Yuri Gagarin, falecido poucos anos depois em acidente aéreo. Foi um passeio agradável, mas que nos decepcionou, pois esperávamos ver a Vostok-1 e o que havia no Ibirapuera era uma réplica. Foi a primeira vez que viajamos juntos, com esposas.

Como instrutores do Curso de Especialização de Máquinas para Oficiais (Cemo),

ele lecionando Caldeiras e eu Máquinas Elétricas, já demonstrava sua paixão e aptidão pelo ensino e ânsia de desenvolver seus conhecimentos, não apenas ligados ao assunto que lecionava, mas em especial a temas de interesse militar e nacional.

O preparo de suas aulas era feito em manuscrito com uma letrinha minúscula que mal se podia ler. Aliás, sempre foi uma característica dos seus escritos, pois jamais se rendeu à datilografia ou mesmo ao computador, e somente suas secretárias conseguiam transformar aqueles escritos em textos legíveis.

Quando oficial de Máquinas da Esquadra, fez questão de, ao meu lado, numa demonstração de apoio, participar da prova de mergulho do Submarino *Rio Grande do Sul*, que havia sido reparado por nós no Dique Flutuante *Ceará*. Fizemos um reparo pioneiro na Marinha, que foi usar a camisa do eixo propulsor sem levar o eixo para oficina do Arsenal.

O submarino iria participar da Operação Unitas e não havia tempo útil para docá-lo no Arsenal e retirar seu eixo para usinagem da camisa na oficina, o que seria o reparo normal. O Almirante Sabóia (Leopoldo), comandante do Trem da Esquadra, “bolou” como deveria ser feito o serviço e transferiu a execução para o dique. De forma inédita na MB, docamos o submarino no dique flutuante e, à guisa de torno, acionamos o eixo usando as baterias de bordo para alimentar o campo do motor e uma máquina de solda, emprestada pelo Arsenal, juntamente com um exímio torneiro (Pedro “Cachaça”), para alimentar o motor fazendo-o girar lentamente enquanto um bisel (ferramenta de corte) montado pelo Pedro era movimentado usinando a camisa do eixo.

Nosso amigo acompanhou o reparo e, por fim, fomos à prova de mar. O submarino submergiu à sua profundidade normal de operação sem qualquer anormalidade.

Ficamos os dois, confinados no interior do compartimento da bucha, ajustando o engaxetamento a fim de, com nosso exemplo, transmitir confiança à tripulação, que considerava que submarino era diferente de um navio e não comportava um reparo provisório em região tão vital à sua segurança.

No correr de 1974, como subchefe de Gabinete do Ministério da Marinha, convidou-me para substituir o Comandante Haroldo Lopes na Comissão Naval Brasileira na Europa (CNBE), onde permaneci por uns dois anos e onde tivemos bom relacionamento profissional, viajando juntos às comissões de recebimento das fragatas, em Bremeton (Inglaterra); de submarinos, em Barrow (Inglaterra) e de varredores, em Bremen (Alemanha).

Ainda servindo no Gabinete do Ministro da Marinha, quando regressei de Londres convidou-me para assumir o cargo de encarregado do Grupo de Avaliação das Fragatas (GAF), recém-criado apenas no papel. Disse-me ele que também não sabia como esse grupo iria funcionar, pois havia uma corrente de opinião sobre esse assunto que achava que as avaliações deveriam ser feitas na Inglaterra. Para facilitar minha vida e me dar um pouco mais de tranquilidade, deu-me liberdade para escolher meus oficiais, o que fiz indicando ótimos oficiais que conhecia e que estavam terminando curso na Escola de Guerra Naval (EGN), o que me levou a receber uma “chamada” do diretor-geral do Pessoal, Almirante Henrique Sabóia, dizendo que eu havia passado por cima dele, uma vez que quem designava pessoal era ele e não o Gabinete do Ministro. Mas não houve maiores consequências. O grupo foi criado e existe até hoje.

Como sempre muito metódico e sistemático, frequentava a sauna do Piraquê, chegando sempre cedo para sua massagem e abrindo o local onde nos reuníamos em

um grupo alegre e onde essas passagens de Marinha eram por ele sempre lembradas com detalhes. Diga-se de passagem que ele possuía uma memória privilegiada.

Para não fugir a sua pontualidade, saía da sauna rigorosamente às 11 horas.

As poucas lembranças aqui relatadas são uma pequena parte de sua vida de que partilhei.

Tive a satisfação de estar com ele na sauna no sábado que antecedeu sua passagem para uma nova e desconhecida vida.

Vai fazer muita falta à Marinha, à qual se dedicou durante toda sua vida, mesmo depois de reformado.

Do *Capitão de Mar e Guerra* Francisco Eduardo Alves de Almeida:

Almirante Vidigal: Exemplo de intelectual

Tive o privilégio de ser parceiro do Almirante Vidigal em seu último livro publicado, *Guerra no Mar*, pela Editora Record. Já estávamos discutindo nosso próximo projeto para 2010 pela mesma editora. O livro seria intitulado *Uma nova História Naval Brasileira*. O almirante queria congrega acadêmicos e oficiais da Marinha, da mesma maneira que fez na *Guerra no Mar*, em um projeto que discutisse a nossa história naval, assim como caminhos a serem trilhados pelo poder naval brasileiro para o futuro, com a participação da academia. O almirante não entendia a discussão do poder marítimo sem a opinião de pesquisadores em assuntos de defesa. Ele gostava do diálogo, do debate, do contraditório, do desafio. Quanto mais polêmico, mais desafiador o assunto, costumava dizer. Gostávamos de vê-lo em um púlpito. Sua eloquência era viva e entusiasmada. Seu conhecimento, vasto e erudito. Seu amor pela Marinha, grande, como sua experiência de vida.

Nós, da Escola de Guerra Naval, que tivemos o privilégio de conviver com ele em seus últimos anos, contávamos com a sua dispo-

nibilidade para discutir o Brasil e o poder marítimo sempre. Sua morte tem sido um vácuo difícil para nós. Para mim, uma perda mais que sentida, uma perda pranteada.

Dois meses antes de ir embora, ele me pediu quatro coisas. A primeira, que eu e meu colega William Moreira revisássemos o livro ainda inédito, escrito por ele, *A Vida de Nelson*. Atualmente, estamos acabando essa revisão e em breve esperamos a publicação póstuma de seu belo relato sobre Nelson. A segunda, que eu providenciássemos que seus livros fossem doados à sua grande paixão, a Escola de Guerra Naval, o que já foi feito, conforme o seu desejo. A terceira, que eu propusesse ao Almirante Bittencourt, diretor do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, a abertura de um fundo arquivístico no Arquivo da Marinha com todos os seus escritos, documentos e trabalhos, publicados ou não, que poderiam servir como fonte de pesquisa a jovens acadêmicos no futuro. O Almirante Bittencourt não só concordou, como designou um arquivista para agilizar a compilação de toda a sua documentação. E, por fim, que auxiliasse a sua família nos trâmites administrativos na Marinha, caso algo acontecesse a ele. Nem precisei fazer muito, pois a Marinha, como sempre protetora de seus filhos, tudo fez e ainda faz para auxiliar sua viúva e dependentes. Sua turma de Escola Naval, a de 1946, teve um papel fundamental nesse apoio familiar. Reafirmei o que meu pai dizia, de que somos todos pertencentes à família naval.

Acredito ter feito quase tudo. No entanto continuo triste. Sentimos falta de sua inteligência, de seu humor refinado, de seu conhecimento estratégico, de sua experiência de vida, de sua docência entusiasmada, de sua alegria de viver e de seus planos para o futuro.

Sentimos falta do Almirante Vidigal, nosso grande mestre.

A Marinha perdeu um dos seus mais importantes e respeitados intelectuais e ganhou uma memória permanente.

**Do *Capitão de Mar e Guerra (FN)*
Cícero da Silva Santos:**

Apresento em memória do Vice-Almirante Armando Amorim Ferreira Vidigal minhas últimas homenagens, reproduzindo alguns dos pensamentos e ensinamentos que nos foram transmitidos por ele e que estão presentes nas mentes e nos corações de todos nós, marinheiros e fuzileiros navais de todos os tempos; a saber:

“Podemos recuperar espaço, nunca tempo. Eu posso perder uma batalha, mas não devo perder um só minuto.”

“É claro que nem o Direito (Internacional) nem a opinião pública mundial podem obrigar nações a agirem contra seus próprios interesses, necessidades e aspirações. Obviamente, os acordos não eliminam a necessidade de forças armadas poderosas que sirvam à dissuasão.”

“Desde Riachuelo compreendi, como agora se compreende entre nós, que navios e marinheiros (e fuzileiros) não se improvisam, e que uma nação como a brasileira, com tão vasta extensão de costas e tão grandes rios internacionais, precisa estar seriamente aparelhada para a pronta defesa de suas comunicações marítimas e fluviais, de seus portos e seu comércio.”

“Conforme a Guerra do Golfo comprovou, os princípios de autodeterminação e da não intervenção não são mais válidos.”

“Foi por intermédio do Poder Marítimo e da capacidade de transportar por mar uma Força que podia ser projetada em terra, cada vez que desejava ou necessitava, que a Inglaterra ajudou a levantar seus aliados no continente.”

“O que constitui o verdadeiro Poder Marítimo? Ou antes, o que dá a uma Nação

os atributos de Potência Marítima? É a faculdade de sustentar uma guerra marítima, defensiva ou ofensiva, ou com esses dois caracteres.”

“Governos civilizados devem estar sempre prontos para enfrentar uma guerra em curto prazo e jamais devem ser surpreendidos estando despreparados.”

“Aquele que comanda o mar, comanda todas as coisas.”

“É impossível haver progresso e desenvolvimento sustentado sem a percepção de que o Brasil necessita de um eixo estratégico para o desenvolvimento marítimo.”

O Almirante Vidigal tinha todas essas visões e, certamente por isso, é considerado entre os estudiosos como um dos principais geopolíticos brasileiros, reconhecido e validado como sendo um dos mais importantes seguidores de Mahan nos estudos estratégicos marítimos. Nos dias atuais, discute-se nos círculos acadêmicos e militares qual pensador, geopolítico e estrategista deste século teria demonstrado com maior eficácia e validade superior esses conceitos, ideias e a convicção quanto à importância para o Brasil de sua Amazônia Azul e de suas águas interiores. Deixo essa provocação à reflexão e análise dos admiradores e estudiosos do inesquecível e admirável chefe naval conhecido e chamado por todos como Almirante Vidigal. Hoje o pré-sal oferece excelentes argumentos, mais do que suficientes, para que uma visão prospectiva consistente, fática e convincente estude e baseie-se nos estudos do Almirante Vidigal. Mas será apenas o pré-sal que pode nos oferecer os melhores argumentos para as ideias, os pensamentos e as visões dos Almirantes Mahan e Vidigal?!

**Do *Capitão de Fragata Renato*
Frederico Corrêa Vaz:**

Meu amigo sauneiro

O Brasil perdeu o que, na acepção mais elevada e pura, se chama de um intelectual, ou seja, a de um profundo conhecedor de uma vasta gama de ramos do conhecimento – o Almirante Vidigal.

Leitor insaciável, possuidor de memória privilegiada e com, o que é mais raro e difícil, disposição diuturna para transmitir sua visão das coisas, fosse na forma de escritos ou em palestras, aulas ou congressos, foi uma figura singular na sociedade brasileira. Nos últimos anos dedicava-se mais profundamente à história e à estratégia, porém não descuidava de suas obrigações para com o alto cargo que ocupava na armação nacional.

Ele vai fazer falta ao País.

Falar em sua contribuição para a Marinha é uma tarefa hercúlea, que certamente vários colegas, com muito mais propriedade, já devem estar elaborando. Ao final, verão que sua extrema dedicação e seu amor à nossa casa, apesar da grandeza, tem muitos similares, porém seu legado tem raríssimos casos semelhantes em toda nossa história.

Sem falar em seus livros, seus trabalhos publicados na *Revista Marítima Brasileira* receberam tantos prêmios que os responsáveis pela revista acharam por bem que eles não iriam mais a julgamento e o tornaram *hors-concours*, abrindo assim vaga para que outros autores pudessem ser homenageados.

Ele vai fazer muita falta à Marinha.

Durante um período de minha infância moramos na mesma rua. Éramos parentes próximos, e as reuniões familiares não eram raras. Não me lembro de todas, porém uma delas ficou indelével em minha lembrança. Deveria ser um domingo à tarde, havia uma festa na casa de um tio, pai da namorada que viria a ser sua esposa. Eu brincava no corredor com outras crianças, quando ele apareceu de jaquetão e espadim. Não precisa dizer que fiquei impressionado. É a

imagem mais antiga que tenho dele e de algo ligado à Marinha.

Quando fui movimentado para Natal pela primeira vez, nem tão rabudo, mas ainda um coati, ainda por cima recém-casado, ele, comandante da Corveta *Forte de Coimbra*, me hospedou em sua casa até que a Base arranjassem uma para mim.

E assim tivemos essas e muitas outras passagens em comum em nossa profissão e em nosso convívio familiar.

Mas não quero falar do primo mais velho ou do Vice-Almirante Armando Amorim Ferreira Vidigal; quero falar do grande parceiro dos sábados de manhã. Falo do amigo de sauna do Clube Naval de tantos e tantos anos.

Lembro-me bem da antiga instalação da ala exclusivamente masculina da sauna, com uma sombria sala com espreguiçadeiras e a pequena área descoberta, chamada de solário, porém onde o sol mal batia, barrado que era pela frondosa árvore que lhe ficava contígua.

Os massagistas eram só dois, Cabral e Amaro. O Cabral era bastante viril, quase malvado mesmo, e o Amaro esfregava a gente sem muita energia ou muita técnica, e talvez por isso diziam as más línguas que ele na verdade era um barbeiro que quebrava o galho. Digo isso sem desmerecê-los, pois eles eram simpáticos e queridos por todos.

Ali, aos sábados pela manhã, quando nossas comissões permitiam, nos encontrávamos, colocávamos as notícias da família em dia e confraternizávamos com outros sócios. Nosso grupo foi crescendo e já era famoso quando o clube resolveu construir a nova instalação. Foram escolhidos sete sauneiros viciados para palpar sobre o projeto do escritório vencedor. Nós dois estávamos entre eles.

E assim passavam os anos, com perdas de amigos e a chegada de reforços compensadores. O grupo sempre foi muito democrático, aceitando qualquer sócio dis-

posto a falar e a ouvir, e acho que por isso é tão agradável o nosso convívio. Somos genéricos, resolvemos tudo, desde a escalação do Olaria (sem ofensa) ao que fazer da descoberta de água em Marte, passando, é claro, por soluções na política muito melhores que as existentes.

O Armando era sempre o primeiro a chegar. Mesmo durante um período de racionamento de energia, ele chegava antes das luzes da sauna serem acesas e enfrentava a escuridão da sauna a vapor. Eu era o segundo, chegava lá por volta de 9 horas, e batíamos grandes papos até que chegasse o terceiro, ou que a Raimunda, do *shiatsu*, o chamasse. Mais tarde ele voltava, feliz, tecendo loas às mãos da massagista.

Sua presença na sauna também era muito aproveitada por outros colegas, que lá entravam apenas para pedir sua opinião sobre projetos literários de diversas naturezas. Ele tinha uma paciência ímpar em atender a todos com a mesma simpatia e interesse.

Aliás, eram suas características marcantes manter a calma, não levantar a voz e ouvir réplicas, às vezes sem profundidade e feitas de maneira grosseira, sem se alterar. Seu comportamento era o de um nobre europeu, levando ao extremo o tradicional cavalheirismo e a lhaneza naval, não guardando mágoa ou rancor.

Mas havia, sim, um meio de irritá-lo, e isso virou um item quase obrigatório na sauna. Existia um famoso político de quem ele era um ferrenho crítico e a quem se atribuía um comportamento não muito masculino. Era só citar uma notícia sobre ele que vinha logo o troco:

– Quem, a Shirley?

E lá vinham impropérios impublicáveis, o pessoal ataçava mais o assunto defendendo o acusado e a gente se divertia. É claro que ele também gostava da chacota.

Romântico inveterado, sempre chegava das viagens contando os jantares sofisti-

cados com sua esposa, sempre acompanhados de bons vinhos.

Professor 24 horas por dia, de vez em quando relatava seus melhores momentos em aulas e palestras, sendo um dos mais repetidos quando começou uma aula procurando acender uma vela pelo meio, não conseguindo, apesar da presença da fonte de ignição e do comburente. Fez-se então o mistério, para suscitar a curiosidade da turma sobre o triângulo de combustão, que era o seu interesse.

Gostava de piadas e participava ativamente das sessões, fosse comentando ou contando.

De vez em quando também trazia uma frase nova, de que se jactava por sua criatividade. Uma de suas últimas foi para definir a única maneira de se obter determinado objetivo:

– Tem que estar tinindo!

Rubro-negro assumido, não escondia a satisfação pelas vitórias do Flamengo, assim como não perdoava os torcedores de outros clubes nas gozações.

No sábado seguinte à semana em que teve alta de sua última internação, depois de 15 dias no hospital, alguns no CTI, não resistiu à tentação e esteve na sauna. Estava bem magro e reclamou do estado de suas pernas. Pedimos a ele que pensasse em reduzir um pouco a carga de trabalho a que se impunha, pois trabalhava todo dia e nunca recusava um convite, mesmo que isso implicasse viagens noturnas e fins de semana arruinados. Respondeu que estava de acordo e que iria assim proceder. Comunicou com extremo prazer que enfim terminara o livro sobre Nelson.

Na segunda-feira não atendeu ao nosso apelo e foi ao escritório. O sentimento do dever para com seu trabalho foi mais forte. Perdemos nosso amigo.

Uma de suas filhas, na cerimônia de cremação, lembrou seu lado herege, porém muito bem complementou que àquela hora

o Senhor já o tinha designado para organizar uns tantos cursos e palestras necessários no céu. Sem dúvida aquela boa alma, apesar da negação que praticava, está lá. Que Deus o tenha!

Continuo a chegar às 9 horas e procuro preencher o tempo lendo jornais, até que chegue outro companheiro, afinal de contas, “sustentar o fogo que a vitória é nossa!”, dizia nosso herói. É, mas eu não sou herói, e a solidão não é boa companheira, e já estou pensando em chegar mais tarde.

Fala-se em colocação de placas e homenagens congêneres para marcar sua pas-

sagem pela sauna, mas conosco, seus amigos da sauna de sábado, fica a lembrança mais forte da pergunta jocosa:

– Quem, a Shirley?

CINZAS AO MAR

O Navio-Patrolha *Gurupá* suspendeu na manhã do dia 25 de janeiro para cumprir tarefa na Baía de Guanabara, levando familiares, amigos do Almirante e o capelão-chefe.

Dessa forma a Marinha do Brasil atendeu ao seu desejo pessoal de ter suas cinzas lançadas ao mar.



📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<NOMES>; Vidigal, Armando Amorim Ferreira; Homenagem; *Prêmio Revista Marítima Brasileira*;

16ª INTERMODAL SOUTH AMERICA

6 a 8 de abril, Santo Amaro, SP

Maior feira de transporte de carga, logística e comércio internacional das Américas, a Intermodal versão 2010 reunirá 490 expositores (50 deles inéditos), entre os quais:

- Dachser (empresa alemã de logística)

- Ministério da Economia, Infraestrutura e Transporte de Tecnologia da Baviera, Alemanha

- Gross Cargo (empresa brasileira de agentes de carga)

- Racional (empresa brasileira de engenharia e logística)

- Grupo Libra (terminais nos portos de Santos, Rio de Janeiro e Cubatão)

- Hamburg Süd (líder no transporte marítimo no Brasil)

- Localfrio (armazéns frigoríficos)

- Marimex (instalações portuárias alfandegárias)

- TAM Cargo (transporte aéreo)

EVENTOS

Infra-Porto

- Apresentação do Projeto “Porto Sem Papel”, para reduzir o tempo de estadia para as embarcações nos portos e melhorar operações portuárias,

pelo ministro da Secretaria Especial de Portos, Pedro Brito, que falará, ainda, sobre as obras previstas pelo PAC, a modernização dos portos e o Plano Nacional Estratégico dos Portos.

Intermodal Connection

- Palestras sobre as relações comerciais entre o Brasil e seus principais parceiros comerciais. Presentes a Câmara de Comércio Argentino Brasileira de São

Paulo, a Câmara Brasil-China e a Câmara Americana de Comércio.

Intermodal Solutions Forum

- Palestras gratuitas com temas como o perfil do profissional de logística, soluções para negociar com o Mercosul e com o Mercado Comum Europeu, além de sustentabilidade em empreendimentos logísticos, entre outros.

Realização:

United Business Media

Transamérica Expo Center – Avenida Dr. Mário Vila Boas Rodrigues, 387 – Santo Amaro – São Paulo

Outras informações:

(11) 3289-2699, r. 106

